



FABRÍCIO CARPINEJAR  
um parafuso a mais

**edelbra**



FABRÍCIO CARPINEJAR

um paraíso a mais

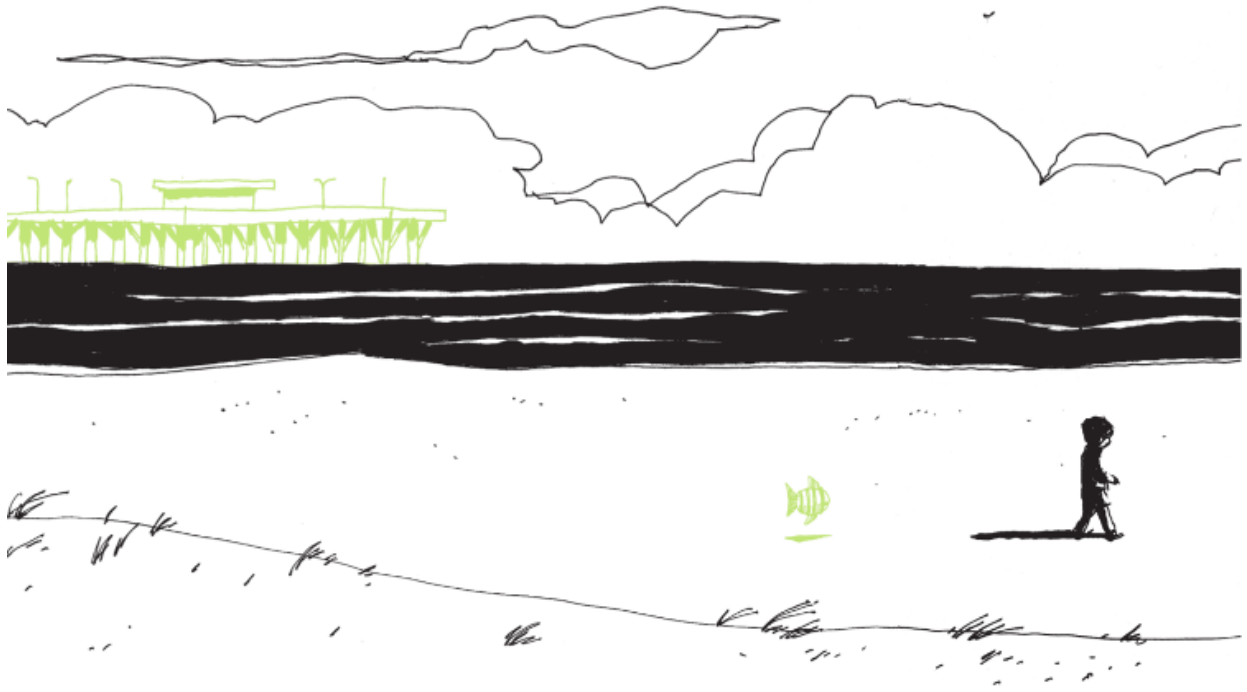
**edelbra**

A **Coleção Vida em Pedacos** apresenta as lembranças de infância de Fabrício Carpinejar. Nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta. Através das memórias do autor, temos acesso às nossas felicidades de criança.



## Sumário

Capa
Rosto
Avisar-me do começo
Nossa Senhora dos Navegantes
O amor é uma térmica
Cisne e Gina
Tempero
Onde ninguém nos encontra
Quando comecei a andar
Os sapos
1, 2, 3 e já!
Segredos e sussurros
Sono de criança
Um minuto
Um parafuso a mais
Mistério
O que ele me dizia ontem
O frio em mim
Fora dos trilhos
Sufrimento não é charme
Minha mãe era servente
Catequista
Sou um aspirador de pó
Autores
Créditos



Avise-me do

começo

Minha avó pedia para avisar quando o filme começava. Confundia o filme com o próprio trailer, não tinha costume de ir ao cinema. Jurava que os resumos de outros títulos já correspondiam à história que iria assistir. Respirava aliviada quando os créditos e o cutucão apareciam; daí colocava os óculos e mergulhava na hipnose das mãos na cadeira.

Eu me porto assim diante do amor. Preciso do cotovelo no meu braço dos amigos quando ele começa, apesar de ser o protagonista. Não que eu não saiba, terei que confessar: não sei mesmo, amor não se sabe, amor se pressente. É uma indefinição contente e, ao mesmo tempo, assustadora. Acontece um descuido ao segurar a cintura dela, algum feitiço no olor do pescoço, um pressentimento longo e duradouro na correnteza dos cabelos, uma pressa em se despedir que é desejo de permanecer mais um pouco. O que era passageiro, o que era para ser mais um esquecimento, o que era para ser mais uma noite para dormir transforma-se em obsessão de acordar, cuidar e voltar, em obsessão de estar presente e arrumar todos os motivos e subterfúgios para não pensar em outra coisa.

Aperta uma vontade de conversar sobre a história com todo mundo que se encontra, com o carteiro, com o bancário, com o jornaleiro, com os passageiros do trem. Buscar conselhos até na embalagem do chocolate. Falar do amor para que ele aumente ou para que diminua. Para que ele suma ou nos dê confiança de tomar atitudes improváveis e delicadas. Vamos atrás de um fiador. Só que o amor não aceita caução.

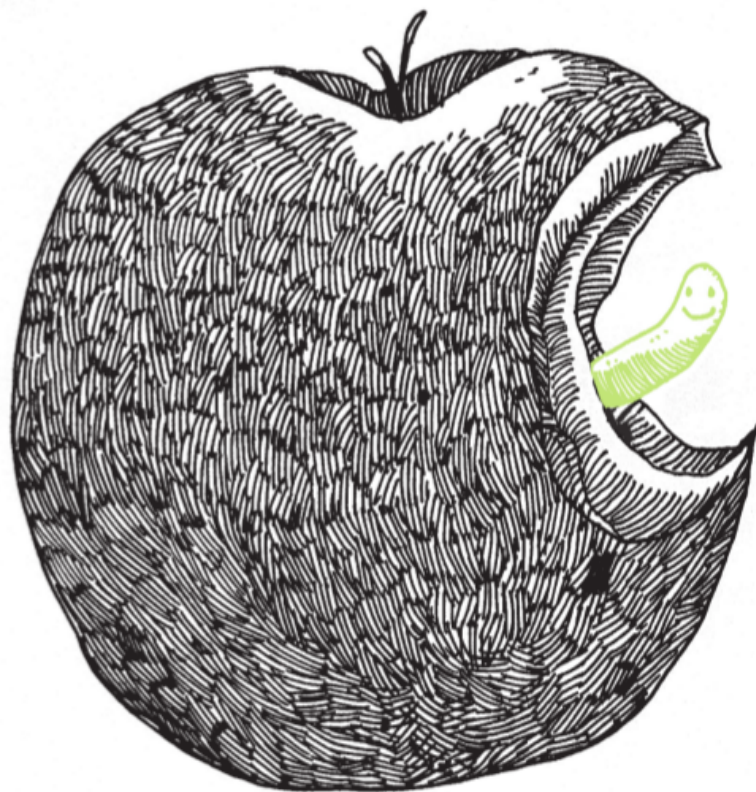
É uma encruzilhada colocar a casa para fora da boca. Abrir-se. Expor-se de tal modo que não se pode retornar ao que julgávamos nossa vida, ao que acreditávamos nosso lar, ao que confiávamos como nossas convicções e nossa ordem. Como confessar uma paixão e depois fingir que isso não

mexeu com a gente e retomar o trabalho e a disciplina dos dias como se fosse comum?

Antes impessoal, o amor se agarra a um nome e não mais nos pertence. É irrecuperável porque depende de um sim ou de um não. Quando dito, irá embora sem acenar. Não descobriremos que estamos doentes, descobriremos que não temos cura. Amor não nos fortalece, enfraquece. Ficamos indigentes à espera de um beijo, de um telefonema, de uma mensagem. O amor muda o nosso passado.

Sofreremos com a incerteza do que a pessoa dirá ou fará. Usam-se palavras falhadas para não ser direto. Encontram-se motivos alheios à verdade para não se entregar. O amor não seria tão sério se não houvesse a possibilidade dele se converter em uma comédia. Mas a comédia não é levar um fora, comédia é a covardia de não se declarar e antecipar sozinho os risos que seriam bem melhores acompanhado.

Minha avó é que conhecia cinema. O filme começa bem antes do filme.





Nossa Senhora

dos Navegantes

Santa era a professora primária. Não se chegava na sala de aula da escola pública sem ter alguma lembrança para dar.

Uma rosa, um bolo inglês, um sonho, uma maçã.

Não era dízimo ou chantagem, mas respeito e carinho. Professora vinha a ser mais importante do que a diretora da escola.

Os alunos disputavam a atenção do melhor presente. Secundária à concorrência por notas.

A mesa dela ficava abarrotada de ofertas, como uma padroeira, uma Nossa Senhora dos Navegantes. Faltavam apenas as velas.

Receber um beijo de batom na bochecha significa alta distinção, como estrelinhas de sua caneta vermelha. As mães preparavam a merenda e separavam um adereço especial para a "tia". Podia ser um cartão ou um poema. Se o olhar materno esquecia, eu cobrava. Se não tinha nada para dar, esticava o caminho pelo bairro para furtar flores.

Meus primeiros delitos sempre foram por amor. Consegui o feito de roubar a rosa da própria casa da professora para entregar a ela. Eu iria saber onde morava? Ela me perguntou a origem da beleza e eu ri, para despistar a verdade. Depois disso, entrei no ramo dos alimentos, para não correr riscos. Afinal, os jardins de Petrópolis não teriam brotos para me sustentar até o final do ano. Doce e generosa estação, onde os professores acabavam como confidentes.

Não sei se esses presentes espontâneos ainda persistem, acredito que não. É uma pena e uma afronta perceber o ensino do professor como uma obrigação. Ele não está na sala porque não encontrou um outro lugar ou como estágio de início de carreira. Comparece como escolha e vocação. Forma o caráter público do estudante (coisa que é bem mais complicada do

que ensinar). Já não é valorizado pelo salário, que seja pela confiança pontual e dedicada de seus alunos.

A manhã ruiva de minha infância foi dividida em cinco períodos. O sino do recreio não superava o "bom-dia" da professora. A mordida da fruta ou do sanduíche não superava a fome pelo dia seguinte que recebia dela. Nem o jogo de futebol me fazia tão pleno.

Na mesa da professora, a lista de chamada, o apagador e a minha mão segurando firme a sua, que nunca quebrará como o giz no quadro-negro.

O amor é uma térmica. Não entendo de onde partiu essa comparação, mas ela me contentou prontamente. Cheguei a suspirar depois de escrevê-la.

O amor é

uma térmica

O amor é uma térmica. Desde o jardim de infância, a térmica é quase como meu boneco, meu vizinho, meu confidente. Minha primeira térmica era branca, centrada na merendeira, e conduzia o leite achocolatado. Abrir sua tampa no recreio produzia o melhor som da escola. Melhor do que a sineta. Ela gritava no terceiro giro e lavava meu rosto com seus vapores.

Para quem tinha asma, o jato não deixava de ser uma nebulização. A térmica resumia o ponto alto do lanche. Um cofre que dependia do conhecimento antecipado do seu dono, de mãos que precisavam antever as voltas para não sofrer queimaduras. Uma valise de criança, uma outra boca miúda. Significava meu documento de menino, pessoal como o uniforme com meu nome bordado.

Uma térmica é como o amor, aquece o que ficou guardado, não deixa esmorecer a espuma, aviva o gosto do que passou. Seus movimentos de abrir revelam temperamentos. O preguiçoso tentará esvaziar o líquido com uma desenroscada, e terá que repetir. O esperançoso vai testar uma ou duas vezes antes de encontrar o fluxo ideal. O rançoso molhará toda a mesa.

Uma térmica é como o amor, feita para distribuir porções generosas ao dia. Não traz a ração de uma xícara, mas a bandeja inteira. Além de tudo, é fiel como o mel no pão. Fica impregnada do cheiro por dentro.

Na mesma semana, não recebe café, água quente e leite. É um ou outro, escolhe, cuidadosa, o seu par, casa por toda a vida com seu conteúdo. A térmica dança coladinha ao corpo do líquido. Dança levantando o pescoço.

A térmica é como o amor. Assobia na hora de falar, beija aos goles. Tinge a língua com guache. Escolta nossa sede e gula até o fim sem esmolar moedas. Pode ser até pior do que um café expresso, mas acumula doçura e presságios. Acumula a infância.

Não desejo ser cremado. Guarde-me na térmica. Guarde meu amor na térmica.

Procurei rever de onde alimento tanta adoração pelo casamento. Abrir a carne e encontrar a fratura sentimental. Reerguer a roldana do poço e espiar o fundo do balde.

Há um romantismo ingênuo que tenho que sufocar para não ficar doentio (perfume caro torna-se barato se usado em excesso).

Prendo minha mão para não desenhar corações nas planilhas do Excel. Distancio-me da tevê quando é transmitido Miss Universo. Não posso passar rapidamente por reprise de filmes, como Love Story. Se alguém chora ao meu lado, empresto os olhos mais do que o lenço.

Sou um completo imbecil. Partidário de que água tem cheiro e sabor. Quanto mais simples, mais verdadeiro.

Não serei inteligente no meu tempo cético e pessimista, em que casar é comprar um pacote turístico com direito a hotel, transporte, guia e crachá. E a separação é simplesmente voltar da viagem e desfazer as malas.

Surjo inexperiente diante do alerta ácido dos meus amigos. Casar sempre foi para mim pagar prestações da residência até envelhecer. O que se pode pagar à vista não tem graça.

De onde, afinal, veio esse distúrbio?

Distúrbio, claro, eu me vejo como um doente, minha carência é maior do que a satisfação. Nunca joguei para longe um besouro de minha gola. Com aquela soberba de escova e um horror implícito de caspa. Deduzindo que ele me incomodava (pelo contrário, pensava que o incomodava).

Botava delicadamente o bichinho de volta ao muro com a ponta das unhas. Deseja algo mais frágil? Assistindo ao espetáculo, meus tios me chamavam de maricona.

Mas não fui um guri de hábitos esquisitos. Não me animava a parar por mais de alguns minutos numa vitrine de noivas. Não vesti roupa da irmã. Não brincava de boneca, muito menos andava de carrinho com bebês no

pátio. Não contei com nenhum desvio dos padrões de menino. Suava, raspava o couro, vivia sujo, cuspia, mijava em paredes no apuro do corpo.

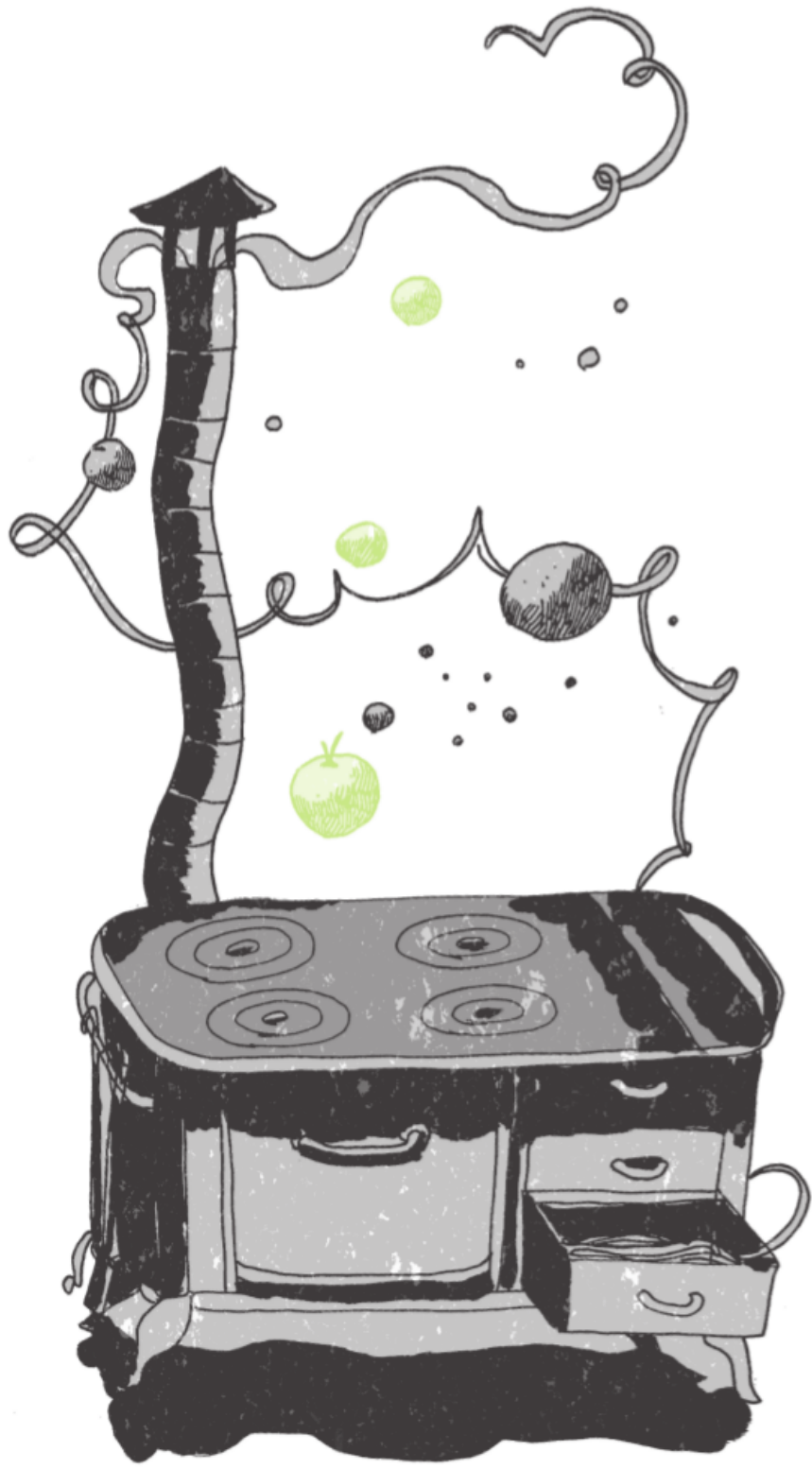
Neste domingo, numa mesa rústica de restaurante, distraído ao mudar obsessivamente de lugar a gôndola do vinagre, azeite e sal, decifrei a origem de meu fanatismo. Lembrei, lembrei, lembrei.

Enquanto meus irmãos devoravam seus pratos e ciscavam as panelas, para não perder o apetite com outras tarefas, eu encenava uma peça com a cortina do guardanapo. Desligado da pressa da comida.

Casava o bonequinho do Sal Cisne e a Gina do palito de dentes. Ia ao restaurante somente para prosseguir a fantasia. Era meu par perfeito. Ambos com um riso bobão de apaixonados. Ele, gordinho e baixinho; ela, alta e loira.

Cisne retirava o boné azul com a aproximação de Gina. Diálogos feitos de um receio educado. Gina não podia permanecer muito tempo na praça da salada porque seus pais logo voltariam da missa. Os dois sentavam nas curvas do garfo, balançando os pés do vento. E, principalmente, olhando para frente.

Eu confio, ainda confio que amar é quando o casal olha para frente. Despistando o nervosismo de suas mãos enlaçadas.





Não me recordo precisamente de minha infância até os cinco anos. Não por algum trauma. Esquecer é próprio da alegria, de quem sorveu a lembrança até o fim.

Meus irmãos brincaram comigo, brigaram comigo. Fui meus irmãos quando estava enjoado de mim. Sem Carla, Rodrigo e Miguel, seria bem menos Fabrício. Eles não me deixavam em paz.

Eles me provocaram a nascer. Nasci de uma provocação de um deles, talvez todos ao mesmo tempo. O beliche me permitiu tocar o céu já prematuro. Não tive medo de dormir no escuro, os meus irmãos conversavam comigo sem parar. O alvoroço deles foi meu abajur.

A casa de meus avós em Guaporé, cidade a 200 km de Porto Alegre, onde vivi as primeiras férias, é o centro de minha imaginação. O interior é o centro da minha imaginação. As estrelas sofriam de catapora: multiplicavam-se. Baixas, tão acessíveis, tão concretas, poderiam ser apanhadas como um chapéu no cabide. A morada ficava colada à calçada. Como o rio Taquari que ladeava as pedras. Os vidros do lado de fora, as venezianas do lado de dentro. A neblina dava aula ao sol. Embaçava as vidraças, que pareciam um quadro-negro; o sol chegava e escrevia. Eu lia sua caligrafia emendada, morrendo de rir quando a luz errava uma palavra.

Minha avó descobria quem chegava pelo tipo de sapato, pelo fragor da pisada. O padre usava botina, a costureira caminhava de sapatilha, o irmão magro e ruivo vinha de galocha, as crianças saltavam de sandálias, o avô italiano arrastava chinelos.

Eu descansava em cima das figueiras com o rádio ligado das cigarras, dos vaga-lumes, do mugido dos bois, da alternância dos galos. Eu me fingia príncipe. Costurava mantos com cipós.

De manhãzinha, recolhia morangos, ovos, uvas. Os dias nunca terminavam – eles se emendavam. A infância é um único dia. Mania de adulto fracionar as semanas. O que acontecia não se esgotava de acontecer.

Poderia voltar no verão seguinte que continuava o verão anterior, como se não houvesse um ano entre eles. É o que sinto quando reencontro um amigo – a intimidade é imediatamente reatada ainda que com a separação de décadas. Amar é continuar.

Ajudava no almoço: galinha recheada, queijo derretido. Puxava os temperos dos potes coloridos; o alto dos armários com cortinas vermelhas. Num banquinho de circo, misturava meus olhos castanhos com os olhos cinza da minha avó. Desde lá, meu estômago está nos olhos.

Quando chorava por alguma queda, ela apanhava a lágrima com uma colher e colocava na comida.

– Meu neto, era o sal que faltava!

O forno a lenha afugentava a lareira. Secava as roupas no inverno, amolecidas nas cadeiras. Uma procissão linda aquela de camisas e cuecas compridas no meio da cozinha.

Adorava quando recebia uma advertência: “guri, não te encosta na chapa!”. Fui carvão, lenha verde dos cuidados dos mais velhos.

Era um menino com remendos de couro nas calças, que falava coisas estranhas. Óbvio: coisas estranhas. Coisas estranhas que ouvia do fogo. Quem não ouve o fogo não será labareda.

A residência de madeira funcionava como autódromo para as meias. Escorregava pelos corredores. Melhor uma criança suja do que uma criança limpa. Encardido, tomava banho de chaleira, aos pulos.

Talvez tenha perdido a lógica naquele tempo. Ou encontrado uma lógica mágica, que me mantém de pé nos momentos difíceis.

Minha avó transbordava sabedoria. Como a cesta de vime transbordava laranjas.

Ela que não cursou o ensino médio, ela com sua escolaridade de Bíblia. Plantava flores e hortaliças no mesmo espaço. Não fazia distinção entre jardim e horta. Não era para menos que se chamava Elisa Margarida. As ervas vinham perfumadas.

Há eternamente uma folha de rosto numa obra ou em nossa vida que vem em branco. Vem em branco, pois tudo já está escrito nela. Como minha memória até os cinco anos.

Onde ninguém

nos encontra

Esconde-esconde tinha sido criado para espíritos corajosos.

Expedições ansiosas pela noite, com os soluços da coruja e os movimentos recônditos dos bichos nos galhos. Mexer num arbusto poderia render os olhos estatelados de um guaxinim e a pontada cardíaca pelo imprevisto.

Aos sete anos, minha mãe era sempre escalada pelas mais velhas a contar na figueira. Sofria a síndrome de ser a caçula do grupo. O bode expiatório. Parecia que pulava corda ao andar, devido às tranças longas até a cintura. As colegas se divertiam com sua demora em encontrá-las. A brincadeira não acontecia dentro de casa, na previsibilidade de armários e camas, que apressaria encontros e gemidos da descoberta, mas no longo quintal, quilômetros entre árvores, riacho e rochas.

Minha mãe estava cansada naquela tardezinha. As meninas dispararam para seus esconderijos, exibindo algazarra. Maria iniciou a contagem e desistiu. Suspirou "pronto" para ir embora, enfim exausta dos desmandos, não "pronto" para caçar suas amigas.

Ficaram horas sem se mexer, prendendo a respiração, encalacradas em desvãos, estátuas de cera intuindo que Mariazinha estava com dificuldades para localizá-las, que dessa vez seria o mais longo esconde-esconde da infância e uma gozação interminável de sua lerdeza.

Quem saiu a procurá-las foram os pais, com lanternas e matilha de cães, assustados com a falta de notícias e o tardar da lua. Uma procissão incessante de apelos. Todas ficaram de castigo. Algumas apanharam de cinto pela pior desobediência que uma criança poderia impor aos seus pais no interior: a de não regressar para a residência antes das 22h.

Menos Mariazinha que já estava dormindo tranquila em sua cama, alheia aos efeitos de sua ausência. Foi sua vingança. Ela se escondeu melhor do que

as outras.

Esconderijo perfeito é não se ocultar.

Quando comecei

a andar

Meu avô materno Leonida me fez andar.

Foi ele, já na velhice, com as costas curvadas, quase não caminhando devido ao enfisema pulmonar.

Eu tinha um ano e pouco. Ele me alçava com seus braços finos, quebradiços, e me colocava escorado na cabeceira de sua cama.

Sustentava as costas dos meus joelhos com seus pulsos. O esteio das unhas.

– Assim, bambino, olhe para o horizonte.

Minhas pernas tremiam. E apertava sua voz e a madeira fria, buscando mais tecido para o calcanhar. Os dedos estalavam a concha do sangue. Menino embrulhado de fralda, receoso de abandonos.

– Fique aí.

Ele sumia com sua bengala, não lembro o que eu pensava, talvez não pensasse.

Minha mãe veio correndo, ouriçada, e batia palmas diante da firmeza inesperada.

– Ele está andando! Fabrício está andando!

Devia rir soluçado, como um bebê que ainda não controla a risada.

O avô grudava a testa na minha e dizia:

– Somos um, somos um.

Na manhã seguinte, consegui me pendurar de parede a parede. Caía e levantava, mas já tropegava sozinho. Meu corpo, meu cavalo. Achei o quarto escuro de meu avô. A porta entreaberta, a maçaneta redonda.

Sua cama vazia era um continente, ele poderia estar deitado me esperando. Fui devagar, como me ensinou, de tábua a tábua. Alisava os cobertores de lã, a lembrança de seu suor. Longe, fui longe.

Contornei, contornei e não cheguei a ele.

- Vô, estou andando, vô? Venha ver, vô?

Minha mãe me recolheu aos prantos. Deitado em cima de seus chinelos. Os chinelos verdes, usados, o cheiro de sua estrada. Os chinelos como travesseiros incertos. Os chinelos alinhados, par de lápides na beirada do mundo.

O avô havia morrido naquela noite. Não puxei meu pai, não puxei minha mãe. Ele se escondeu em meu rosto.

Seu rosto está de pé em meu rosto.

Não diminuo mulher que tem fobia de baratas ou de ratos ou de morcegos. É bom guardar um medo para pedir vida emprestada. Dividir o susto.

Meu pai não tinha medo de nada. Isso me deixava triste. Não havia como protegê-lo. Intocável. Com sua barba árabe a espantar os traumas.

Passamos as férias de inverno de 1977 em Xangri-lá, no litoral gaúcho. Casas vazias, ruas com mais espaço ao chilrear das carroças e das aves.

Um deserto florescendo, a grama alta, o meio-fio descascado: o mato é que pastava os cavalos.

Com atenção, ouviríamos os gemidos das baleias mais platinas. O ranger subterrâneo do oceano.

A família buscava um sossego longe do ritmo da cidade apertada. De noite, meu pai nos aliviava dos uivos dos ventos nas frestas da porta e das janelas. Acalmava dizendo que não era ladrão.





Sonhava que acordaríamos com as paredes soterradas pelas dunas. Como nos postais da neve. Nunca aconteceu.

Rodrigo era o chefe dos escoteiros, se fôssemos escoteiros. Eu e Miguel, soldados rasos de suas molecagens. Executores das tarefas.

O Meu pai zelava o costume de deitar na rede depois da sesta. Tomava um livro, seu caderno de anotações e um lápis severo de carpintaria. Dormia uma hora em meio à serenata da leitura.

Não é que o Rodrigo descobriu que o nosso pai detestava rãs e sapos. Explicou pela metade, com a pressa da maldade. Ele não suportava o salto desgovernado da pele anfíbia. E as córneas de pedra que poderiam cegar ao jorrar um líquido venenoso de cobra, que não entendia direito como funcionava.

Subestimei a crença:

– Não, o pai não tem medo de nada.

Rodrigo nos guiou a um banhado vizinho e colhemos três sapos num chapéu de palha.

Despejamos os barulhentos animaizinhos na rede. Esperamos o teatro no pátio.

Quando o pai deitou, com o peso solene da quietude, ele gritou:

– Sapos, sapos, sapos... Filhos, tirem os sapos, os sapos!

Ele dançava, girava, jogou os livros ao chão, o rosto assustado e crédulo, correndo a um lugar seguro para sair das repetições de sua voz.

Não consegui ampará-lo, deitei para rir melhor, o riso é egoísta, eu me acariciava de risadas, eu me esfregava para controlar a coceira do coração, que aumentava com a lembrança. Fechei os olhos para não soltar a memória. Os irmãos também se denunciaram com as gargalhadas.

O pai nos colocou de castigo, é evidente. Mas não reclamamos. Ele tinha medo de alguma coisa. Nunca estive tão próximo de mim. Tão pai. Tão carente.

Admiro a espontaneidade dos filhos.

Eles fazem 1 e 2, especialmente o 2, em qualquer lugar: numa loja, no restaurante, no avião, no ônibus. O estômago apontou e não tomam frescura, procuram o banheiro próximo e voltam com rosto alegre e recomposto. Não comentam nada, mas pressinto o despojamento e a vida longe de sacrifícios e renúncias, de medo e boicote. Não castigam o corpo, muito menos maltratam o ciclo por pudor.

Eu não, demorei muito para falar do assunto. Ainda mais para fazer o assunto fora de casa.

Atravessei três décadas evitando cocô em locais públicos. Não ria, por favor, é sério. Temia de vergonha, tremia que alguém visse ou comentasse o fedor, que fosse denunciado numa festa ou que um desconhecido pensasse que estive ali somente para minhas necessidades. Claro que estava no banheiro para necessidades, mas a loucura consistia em acreditar que as pessoas reparavam em mim. Experimentava viagens cansativas e aguentava uma semana de prisão de ventre, até regressar aos azulejos azuis e terapêuticos do meu toalete. Relaxava apenas em meu toalete, a porta chaveada com duas voltas.

Não mudava de opinião, ainda que ameaçado pelo número 3, ainda que atravessando o Oceano Atlântico, suava frio e permanecia com a coerência educada. Na volta, já estava irritado, ilegível para conversa, tamanho o desespero e o bloqueio.

Não era problema de limpeza, da tampa seca, do pavor de micróbios, coisa de famoso, celebridade é que coleciona fobias de contaminação e usa máscara e cuecas descartáveis. Receava apenas a fofoca.

Há três anos que me libertei do condicionamento e abri exceção para cagar (ai, disse!) em hotéis. Tranquei-me no quarto por cinco horas lendo as revistas de programação de tevê. Quando atingi a grade dos canais abertos, o milagre aconteceu. Passei por fases de transição, óbvio, e consegui me

acostumar com a ideia de que inclusive o papa compra e usa papel higiênico. Agora não corro riscos, todo ponto é normal e viável. Nasci para o mundo recentemente.

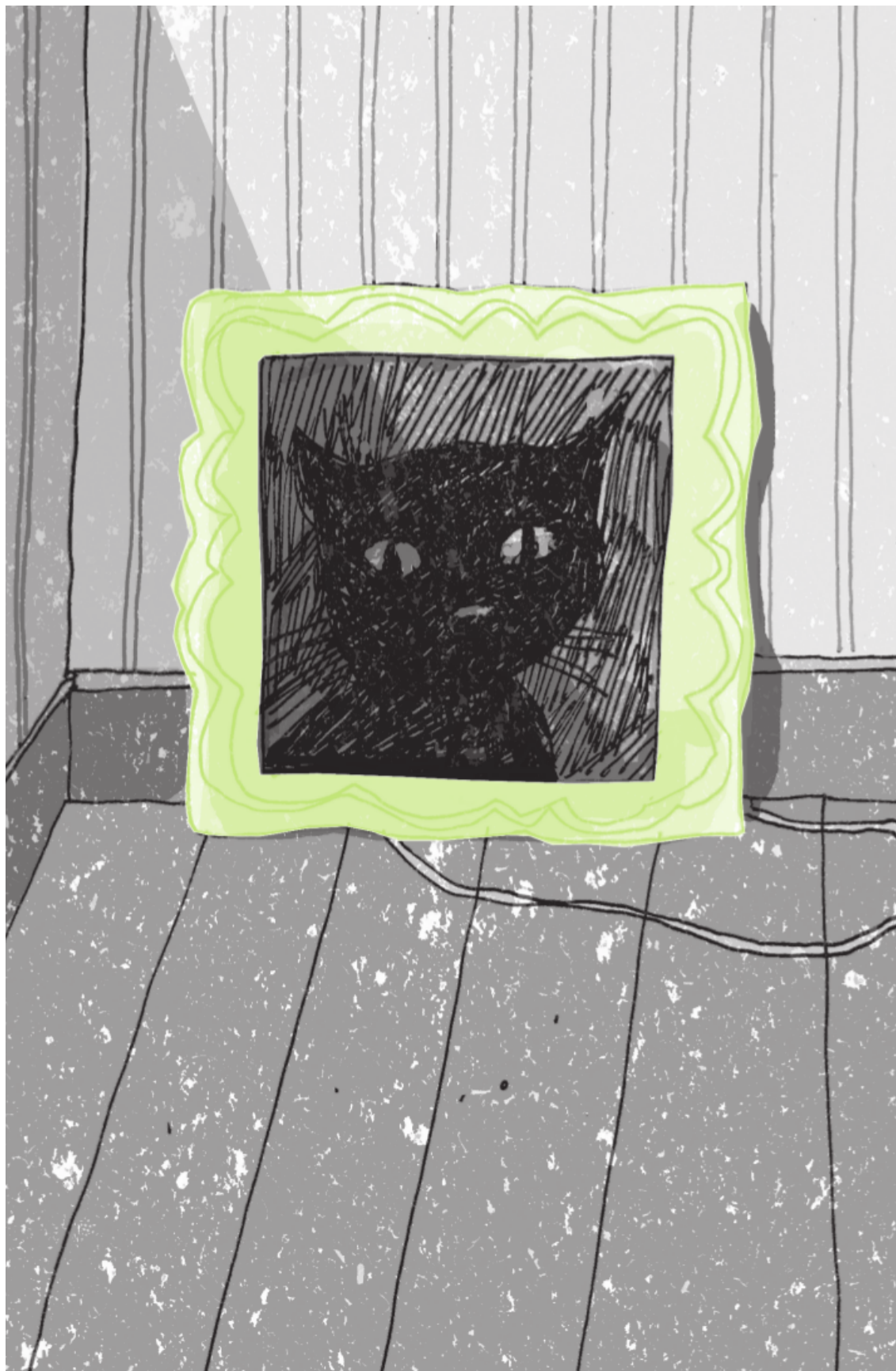
Mantive a repressão por trauma. Os pais e manos gostavam de debochar do cheiro, existia uma diversão sádica acentuada pela falta de espaço. Sentia-me vigiado na infância, acovardado pelas dores de barriga.

Família grande com um único banheiro rendia disputas e golpes baixos. Nas contas domésticas, masturbar recebia o crédito de pecado, já ir aos pés respondia a um crime. Não havia ética e Piaget que aliviasse a barra. Três irmãos não geram pressão e sim terrorismo. Começavam com pancadas na porta para que terminasse rápido, logo mexiam o trinco como num filme de terror, em seguida gritavam para quem se encontrava na sala. Suportava o escândalo duas vezes por dia. O relógio biológico não tinha paz, funcionava pela corda da descarga. Apertava várias vezes fingindo o fim para ganhar alguns minutos de prorrogação.

Complicada também a chacota da saída, os comentários maldosos como "está podre", "morreu e não foi enterrado", "é a Borregar" (fábrica de celulose poluente da época), "olha o esgoto", "não dá para receber visitas". Virava um programa de debate esportivo na hora do almoço e da janta.

Eu me constrangia de humanidade, e me tolhia como modo de pedir desculpa.

Nunca brinquei com meus filhos sobre o tema, muito menos cometi alguma piada indiscreta. Sei o quanto custa e o quanto tira a fome.





Segedos

e sussurros

Surgia uma ninhada no pátio e já roubava leite na geladeira e servia num pires. Arrumava uma casinha em caixa de papelão, juntava trapos, cobertas de meus olhos e fazia travesseiros de toalhas antigas. Acendia a pressa de orfanato em todas as lâmpadas da garagem.

Não me interessava perguntar como os filhotes chegaram em casa. Do terreno baldio? Do telhado?

Era impelido a atendê-los. Peludos, fofos, mirrados, miados febris. O gato é um passarinho que engoliu as asas, por isso salta tão alto.

Oferecer o pratinho de leite me deslumbrava de gentileza. Se fui pai na infância deve ter sido equilibrando a pesada garrafa de vidro.

Minha paternidade durava uma tarde, escurecia, a mãe descobria o esconderijo pela movimentação secreta e nervosa, por mais que sufocasse os sussurros com os irmãos. Ela ralhava que não poderia adotá-lo. Que não cuidava nem de mim. A despedida doía no osso. Eu já tinha dado até nome. Acenava ao chão, sem coragem de erguer o pulso.

Abandonei muitos felinos antes da maioridade.

Na semana passada, vi um gato entrando na residência de minha mãe.

Gerou raiva. Agora ela decidiu cuidar de um. E unicamente para ela, no momento em que mora sozinha.

Desencadeou um matagal de ciúme. Cocei a barba para podar o desconforto.

Um gato preto com listras brancas. Passeando pelo pátio, correndo pela sala, fugindo de mim. Brilhoso, gordo. Ela deve alimentá-lo com requinte e fartura. Sacana!

Não juntei coragem para questioná-la, alisar o complexo, arrancar desculpas de sua horta. Encabulei, regressando aos meus nove anos.

Acompanhei a expedição do bichano pelos aposentos. Sentava no sofá e logo pulava para a varanda. Apresentava uma intimidade com as frestas que não alcancei quando pequeno. Dono de patas arterias e voos repentinos.

Telefonei para o meu irmão Rodrigo pronto a desabafar. Ele me dissuadiu da mudança de hábitos, respondeu que a mãe não possuía gato de maneira nenhuma. Não seria possível. Não correspondia ao seu feitio.

Mesmo?

Na manhã seguinte, repeti a visita. E nada do gato pelos corredores. Nenhum pelo, pegada, alma de arrancada. Nem comida no armário.

Atravessei o portão convicto das alucinações. A carência da infância produzia seus efeitos colaterais.

Ao virar o corpo em direção à rua, enxerguei uma sombra matutando a grama. Era ele!

Manhoso, entrou pela janela emperrada do porão. Aquela janela que não tem como lacrar.

Entendi que a mãe tem um gato, mas ela não sabe.

Não deixa de ser uma deliciosa represália do destino.

## Sono de criança

Quando criança, errar é poesia. Quando adulto, errar é malandragem.

Não deveria ter crescido. Porque cresci sem mudar. As pessoas é que mudaram seu olhar sobre meu temperamento. Não sou perdoado por falhas, lapsos, gafes.

Antes era engraçado, hoje sou irresponsável. Antes era distraído, hoje sou preguiçoso. Antes era charmoso, hoje sou idiota.

Você não tem ideia do esforço que faço todo dia para ser adulto.

Tomo café de propósito, e não Nescau, que adoro, para não me entregar.

Nos anos 1980, ainda em meus dez anos, recebia a tarefa de comprar mantimentos que faltavam para o jantar no armazém.

Não anotava o que minha mãe queria. Buscava memorizar, e me atrapalhava.

Não foram poucas as vezes em que ela solicitava pêssego e pegava abacaxi, ela esperava por mostarda e trazia catchup, ela aguardava por salsinha e surgia com alface.

As palavras formam vizinhanças estranhas em minha cabeça.

Num finzinho de tarde, parei novamente na frente do balcão com a missão de levar pão e doces, já que tínhamos visita.

A balconista me encarava enquanto eu resgatava, dos longínquos sons da memória, a encomenda materna. A fila atrás impacientava a atendente, suas sobrancelhas subiam à touca.

Lembrei de cara do pão de 1/2. Mas e o doce? Qual era o doce? Recordava que havia merengue na receita, mas não vinha o nome. Nem existia uma vitrine para apontar: – É este!

Na ânsia de resolver, falei alto:

– Me dá um bocejo?

A moça, intrigada, rebateu a esquisitice:

– O quê?

– Me dá 300 gramas de bocejo? – especifiquei.

– Bocejo, meu filho? – ela questionou, para logo completar. – Tenho sono, só que não posso bocejar para ti agora, estou trabalhando.

As pessoas na minha cola começaram a rir. Mas rir ajudando, rir acolhendo, rir me amparando.

– Não seria sonho?

– Não, não, não.

– Não seria papo de anjo?

– Não, não, não.

Dez minutos depois, Zé, o dono do lugar, gritou do fundo dos corredores: – Não seria suspiro? A Dona Maria adora suspiro.

– Sim, sim, sim! Suspiro!

Fiquei conhecido na infância como o piá que desejava comprar bocejo no armazém.

Pedi bocejo, saí suspirando.

Naquele tempo, enganar-se não era crime. Era licença poética.

Os pais rezavam antes do almoço e da janta. E nos obrigavam a acompanhar.

Restava engolir a fumaça e adormecer a pele na nuvem cálida de temperos. A comida esfriava à toa.

Eu me irritava com a demora. Empunhava o garfo para o ataque e tinha que suspender os movimentos selvagens com "Um minutinho, meu filho, a oração..."

Ave-Maria era um couvert artístico em casa. Uma entrada inofensiva de verduras.

Desesperador era quando meu pai estava inspirado e cumpria um sermão em vez de somente acenar para Deus.

Na pressa semanal, escutava nitidamente apenas seu sinal da cruz. Durante os sábados e domingos, meu pai exagerava no discurso diante da possibilidade da sesta e da volúpia do quarto trancado com a mamãe. O sexo o tornava messiânico. O sexo o impelia a acreditar na vida eterna. Um gemido levava a outro.

Ele agradecia tanto que eu perdia o apetite.

Comer sempre foi um adiamento. Arrebentei a toalha de mesa pelo controle sufocado dos dedos. Puxava os fios para me distrair. Do meu assento, a madeira da mesa já aparecia contornando o prato.

Às vezes, ele pedia aos filhos para conduzir a reza e mostrar união familiar. Engasgava, soluçava, tropeçava no colarinho apertado da escola. Lembro que fiquei de castigo ao saudar o campeonato gaúcho do Inter.

Gremista, enfureceu-se: "Futebol não é religião". Imagina se fosse...

Achava uma ironia o agradecimento divino ao servirem vagem e bife de fígado. Agradecer aquilo só podia ser uma humilhação. Nesses momentos, entrava em ressaca gustativa e torcia por um terremoto, o soar da campainha, o toque do telefone. Ou que o timbre paterno virasse a Voz do Brasil com uma hora ininterrupta de notícias.

A saudade apressa túmulos, é o que penso agora.

Não partilho de crenças católicas, abandonei esse hábito aos oito anos com o divórcio de meus pais, sofro de ansiedade, mas não consigo interromper mais o minuto de silêncio da comida.

Prato feito, hesito, espero a oração em mim. Dobro as mãos como um guardanapo. Espio para cada um de meus filhos como quem limpa o acúmulo da infância da garganta. Parece gripe, mal-estar. Espaço a respiração e giro o rosto para qualquer premonição: o vento chiando na janela, o relógio martelando seus pássaros, os latidos dos cachorros.

Atento como porta de igreja. Certo como um mendigo na escada.

Meus talheres permanecem bentos, religiosos.

Um parafuso

a mais

Encarnei o tipo de criança problemática, bem torta, dicção desviada, trôpega, cabeção de pólvora e um palito no resto do corpo.

Nem reparava: eu me achava um coroinha.

O lindo coroinha da mamãe. Paramentado de hortelã. Vivia a seguindo quando pequeno, servindo água e ajudando na cozinha. A mesa de jantar de toalha vermelha resumia meu altar. O cálice de vinho paterno, o pão de 1/4 quentinho e a geleia preparada de nosso quintal. As panelas de ferro ficavam penduradas, prontas para o uso. Não contávamos com quadros, telas de artistas, mas nossa fome funda de metal, exposta pelos corredores.

A colher de pau foi nosso relógio de parede.

Meu irmão Rodrigo, dois anos mais velho, arcava minhas penas. Sofria com o vexame que não via. Tentava me remediar. Como se o erro estivesse em mim, não nas pessoas que caçoavam do guri franzino que não morreu de tuberculose muito menos de pneumonia e que um dia seria poeta para desespero do teste vocacional.

Os tios, os parentes longínquos e os conhecidos reclamavam que tinha um parafuso a menos, de tanto cair e me espatifar nas escadas. Na verdade, tinha botas ortopédicas pesadas, que me apressavam os tombos. Um bom ortopedista e seria salvo.

Sem cura a curto prazo, Rodrigo analisava minha cabeça para verificar se encontrava o parafuso que faltava. Seus dedos giravam como um microscópio. A única vez em que me examinaram com severidade semelhante havia sido no surto de piolho na escola (E a mãe encheu meus cabelos de Neocid numa longa sessão de bruços).

Ele não achou nenhum buraco, fresta, fissura, onde tivesse caído a peça e prejudicado meu andamento.

- Onde está?

- O quê, Rodrigo?
- O parafuso que todo mundo está falando.

Gargalhava da brincadeira, a chave de fenda provocava cócegas em suas expedições pelo pescoço. O mano alertava para a situação gravíssima: o forte cheiro de fumaça de meus braços. Algo deveria queimar em minha alma.

Numa tarde, Rodrigo se achegou resoluto do conserto.

Retirou um parafuso do seu caminhão azul gigante, que prendia a caçamba e me deu numa colher. Como um xarope de gripe. Colocou açúcar por cima e um pouco de azeite para distrair a secura.

- Como não achei, toma meu parafuso!
- O que faço?
- Come, ora bolas. É por dentro, por isso não encontrei.

Eu não compreendo como engoli. Mas engoli. Inteiro. Num gole de vento.

Meus pais levaram um tremendo susto e correram ao pronto-socorro. Não importa o que aconteceu depois.

Funciono perfeitamente desde os quatro anos.

É um enigma como irmãos se distanciam quando adultos.

Não são as palavras que separam, mas o que deixamos em seu lugar. Uma incompreensão que nunca é tirada a limpo e fica como verdade.

As desavenças na maturidade não são maiores do que as da infância. Brigávamos com igual intensidade. O que mudou é que não moramos juntos para reatar. Se estivéssemos dormindo no mesmo quarto, faríamos as pazes uma hora qualquer e pediríamos desculpas. O medo de perder a companhia de brincadeira superava o orgulho.

Rodrigo, dois anos mais velho do que eu, mora em Porto Alegre. Não conheci seu apartamento, apesar de um ano de sua mudança. Quem nos reúne é a mãe por tabela. Vou visitá-la e ele passa por lá.

É visível que não temos paciência um com o outro. Partilhamos uma irritação ansiosa, sem capacidade para formular a frase certa e conciliadora. A frase que poria todas as diferenças de lado. Deve existir uma frase, mas não insistimos. Não cedemos tempo, logo trocamos de assunto e os parentes entram na sala e dispersamos a direção da conversa.

Rodrigo tem gostos muito parecidos, é poeta, compõe e adora dançar desgovernado, jurando que encontrou o ritmo da música.

Na adolescência, somávamos as mesadas para colecionar LPs. Eu era a esponja dele: tudo o que ele ouvia tomava como meu. Rodava no recreio da escola como seu Lado B. Durante tardes inteiras, explorávamos bolachões nas lojas debaixo do viaduto da Borges.

Foi ele que me inspirou a ler poesia ao emprestar o livro *Uma estadia no inferno*, de Rimbaud. Na manhã seguinte à leitura, desabafei: "não entendi nada". Ele me tranquilizou: "É isso mesmo. Amanhã não vai também entender nada até viver algo do livro, uma única imagem, e ele se abrirá". Foi o que aconteceu. O guri sempre me interpretava.

Participava de uma banda e me carregava aos ensaios e apresentações noturnas. Segredava nos ouvidos que aquela menina poderia ser

interessante. Levava um puta fora. Não me permitia chorar, recapitulava com paciência meus erros e me empurrava para que insistisse. "Ela já sabe que é um chato, portanto seja chato, é o que tu 'faz' melhor".

Filosofia engraçada, que rendia paixões esquisitas.

Às vezes, não sobrevivia. Ele batia nos ombros e consolava: "Não há gafe que não vire uma grande história depois para rir".

Parti para vários acampamentos com seus amigos nas praias de Santa Catarina. As primeiras noites em que dormi longe da família. Virei o caçula da turma. Aprendi a montar barraca, a passar fome para gastar em bebida, a filar cigarro, a pedir carona e confiar na generosidade de estranhos. Tomei porres homéricos e ele me cuidando:

– Vai passar, aguenta firme.

Descobri o quanto detesto escalar morros, que ele adorava. Três horas de caminhada para aproveitar cinco minutos no topo e iniciar o regresso.

Atuava como sindicalista dos irmãos no momento de garantir os nossos direitos. Fazia o papel de segundo pai e se ferrou. De interino terminou como figura masculina permanente, porque o pai realmente saiu de casa. Abafou o divórcio com seu jeito prático de resolver os problemas e assumir os desaforos. Fruta que amadureceu no chão, empurrado para a responsabilidade cedo demais.

Era um enigma como irmãos se distanciam até que vi Rodrigo carregar meu filho Vicente no colo.

O filhote sofria de cócegas nos olhos. Tomaram um livro de dinossauros da estante e Rodrigo foi explicando a evolução, mostrando árvores que viram pedras, ossos que são reconstituídos de um punhado de pó. Eles se confiavam. Confiar é melhor do que compreender.

Eu me lembrei do que fui e do que ele foi. Seu rosto de longa testa. Os exatos quatro vincos antecedendo os cabelos. O menino sábio, colecionador de moedas e estudioso das antigas civilizações. O menino rabugento com alguma injustiça. O menino que não aceitava que os mais velhos zoassem de mim. O menino que andava de mãos dadas comigo para atravessar a praia e a rua. Eu me lembrei de nosso contentamento telepático. Do cheiro de Nescau de nossa merendeira e de nossos uniformes suados.

"Vamos brincar" é a frase certa que largamos no pátio. A frase que dissiparia dúvidas e rancores e nos encheria de fôlego e expectativa.

Correr era se abraçar. Esquecemos de brincar. Esquecemos a pressa dos apelidos. Quando ele me chamava de Bito e eu o chamava simplesmente de Igo. Esquecemos que somos crianças atrapalhadas. Antes o mundo era um inimigo comum e reservávamos nossas forças secretas para nos proteger.





O que ele me

dizia ontem

Palavras de Rodrigo

– Meu irmão, você é orgulhoso, é da família, eu sou orgulhoso, nós não poderíamos ser diferentes. Era o orgulho ou a dor. Escolhemos o orgulho para superar a dor. O orgulho não cura a dor, mas faz esquecer-la. O orgulho entretém o ferimento. Ele nos isola. Não seríamos nada, nem chegaríamos onde estamos se não fosse o orgulho. O orgulho uniu a família após a saída do pai, o orgulho nos manteve coesos, convictos, um amparando o outro. Não seria promotor sem orgulho, Miguel não seria juiz sem orgulho, Carla não seria promotora sem orgulho, você não seria escritor sem orgulho. Estudamos por orgulho. O orgulho é nosso cobertor de trauma. Nosso esconderijo de árvore. Nossa crueldade para proteger a verdade. Não tivemos tempo para recalques, terapeutas, psicólogos. Lavava-se a ferida e seguia adiante. A água foi nosso curativo. Orgulho de vingar as raízes, de contrariar a expectativa de vida. A alta taxa de mortalidade de nossas palavras com o divórcio. Orgulho, mano. Orgulho de não permitir que pisem na gente, de não pisar, de levantar os livros com os pés. Somos sobreviventes porque nos agarramos ao orgulho. Não pedimos favor à decadência, à falência. Não aceitamos a falta de chance. Não justificamos derrotas. Cada um tinha uma tarefa, um jeito de sufocar a asma, a tosse, a fraqueza. Obrigados a deixar o corpo quieto, de algum jeito, para não nos atrapalhar, para não nos denunciar. O mundo não devia nos ouvir, nos localizar. Tanto trabalhamos pelo orgulho que estamos longe. Não havia chance para consultar horóscopo, avisar dos planos. Não desistimos por orgulho. Orgulho, mano, de não olhar para trás – cairíamos sem volta na própria voz. Orgulho sem portas, orgulho com pontas, orgulho com as facas que o orgulho afia nos dentes. Vendamos a vista com os cabelos. Cavamos o

orgulho das paredes. Somos uma família de pedras. Pedras orgulhosas, pontiagudas, pedras batendo em pedras. Levantamos a mãe com o nosso orgulho. Juntamos as mesadas das mãos para arrematar um começo. Todo começo era um final, lembra? Todo almoço era uma despedida, lembra? Orgulho, mano, o orgulho nos ajudou. O orgulho de mandar notícias unicamente quando as coisas estavam bem. Orgulho de sonegar as tristezas porque havia uma tristeza maior para combater. O orgulho nos resgatou, esse sentimento mesquinho que a maioria pede para colocar fora. Quando tudo está fora, somente o orgulho salva. Orgulho, mano, o orgulho foi bom até hoje, não precisamos mais dele. Teremos que pedir ajuda.

Sou um homem do sul. Pareço mais cansado quando durmo muito, mais disposto quando não durmo. As olheiras são sonhos que se repetiram.

Minhas lembranças remotas vêm da chaleira fervendo e do mate roncando como um urso na varanda, das duas meias que inchavam os sapatos, da calça de pijama debaixo da calça, dos casacos pesados, que me aparentavam a uma cama andando.

O cheiro de lã tornou-se, por adoção, o cheiro da minha pele.

Acordar na neblina, respirar sem encarar o ar, procurar o sol nas cores adocicadas dos telhados: o inverno fazia a família ouvir o fogo como um oráculo. O inverno respeitava silêncios.

Se minha memória pende ao frio; a memória da família está toda na praia. Tomei por acaso os álbuns antigos e vejo apenas a família reunida no mar. Estou ali, mas é como um estranho semelhante, não eu. Um branquela de alegria tímida e nudez repentina.

Cadê as pilhas de lenha, em que os irmãos se estapeavam para não ter que buscar no porão? Cadê meu poncho, que competia em uso com o uniforme escolar? Cadê o café soprado, entre goles e fumaça? Cadê a cobertura imensa que cobria seis pernas no sofá na hora de assistir filmes? Cadê os bolinhos de chuva de sábado e as pipocas de mel? Cadê o cachecol amarelo, que proibiu meu pescoço de participar do rosto? Cadê as nuvens cinzentas que imitavam a chuva, mas eram ventos andando em bando? Cadê as árvores acenando para o ônibus?

Por ser um período de entressafra, resistência e alheamento, o inverno não aparece em minha história. Talvez o inverno seja o fotógrafo da minha vida.

Era no verão que os pais se preocupavam com as fotos. Quem consulta os registros irá concluir que nasci numa cidade marítima. Nenhuma imagem de recolhimento, da fachada de casa, do convívio miúdo na mesa e na sala.

O mar sempre foi mais verídico como fundo. O mar e sua extensão baldia de areia. O mar e seus unicórnios de espuma. O mar e sua propensão a fazer amigos. O mar e seus amores intempestivos.

Ao ir à praia, entro em outro país. Tanto faz que seja num estado longínquo ou a 100 km de minha residência. É outro país.

Amo o mar desde que eu não o veja todo dia. Estremeço diante dele. É muito Deus para abraçar.

O mar não pausa nunca, sempre está voando.

Ele fala e fala e vira as costas quando o respondemos.

O mar não permite tristezas, e às vezes estou triste.

O mar é inconfessável.

O mar é minha vontade de voltar para casa.

Eu e meus irmãos dividíamos presentes. Era a derradeira mobilização para receber um brinquedo de nossos sonhos. Somávamos os três aniversários, que aconteciam no último trimestre do ano. Em caso de resistência, a gente preparava promoções para completar o orçamento e arrebatamos o leilão familiar, tipo TRÊS ANIVERSÁRIOS + NATAL + PÁSCOA. Azar se as datas festivas restariam vazias. Valia o sacrifício. Acreditávamos que os presentes durariam a vida inteira e que brincaríamos com os nossos filhos.

Conservamos as caixas. Preservamos as peças. Nunca jogamos ao léu ou largamos os encaixes fora da prateleira. Nossa infância dispensava empregada doméstica. Nenhum de nossos jogos ficou desfalcado, arruinado e danificado. Conseguimos entrar na adolescência sem baixas lúdicas e fraturas no quarto. Firmamos um pacto.

Esquecemos somente de avisar a mãe. O que não esperávamos é o seu desinteresse pelo nosso passado.

A mãe mora sozinha num casarão de quatro quartos, pátio e garagem imensa. Lugar não falta para guardar as quinquilharias. Quinquilharia é como ela enxerga qualquer coisa que não seja dela. Fui procurar meus diários de infância, escrevi desde os doze anos e estava numa caixa do banco Habitasul. Assaltado pela nostalgia, revirei os baús e as estantes e nada. Ela colocou fora sem aviso prévio. Sua desculpa é que não lembra, faz muito tempo. Na dúvida, eu não despacho. Na dúvida, é certo que ela põe no lixo.

Deveria entender o recado. Funciona desse modo: ela informa que vai colocar a antiguidade no quartinho, depois diz que vai transferir para a lavanderia, na hora que ela comunica que está na garagem é o fim. Colocou na rua e ofereceu ao primeiro carroceiro que aparece em sua porta.

Foram descartadas todas as pastas de recortes do Internacional de 1975 a 1979, que abrangiam os três títulos nacionais. A coleção de Placar da década de 1980 pousou em algum sebo. Sumiram os cadernos culturais do Correio

do Povo de 1960 a 1970. Não sobrou ruína de minha meninice. Eu não existi antes dos quinze anos. Não procure prova. Minha mãe é um incinerador doméstico.

O que me arreventa os nervos é a doação imprevisível do Autorama, uma pista que ocupava o quarto inteiro, do Ferrorama, com trenzinho apitando, estação amarela e desvio de rotas, e do Pinogol, estádio aveludado fundo, com as bordas de madeira e uma simetria maravilhosa dos bonecos. Nossas economias de vários anos, súplicas, birras alimentares, porquinhos quebrados, greve de doces e centenas de velas assopradas. Guardados intactos, brilhosos, com carrinhos transparentes, funcionando com a corda e a carga de suas estreias.

Ela mexe os ombros afirmando que não entende onde coloquei. Ainda me deixa procurar em vão durante horas pelos esconderijos invadidos.

Desabafo porque encontrei o Ferrorama neste domingo no Brique da Redenção. Custava R\$ 400,00. Minha infância está à venda. Mas não tenho mais os aniversários dos meus irmãos para comprá-la.

Sofrimento

não é charme

Em minha escola, havia a Maria do Suspiro. Um nome que funcionava como apelido amoroso.

Ela desmaiava semana sim, semana não.

Produzia um acontecimento importante na turma, com descrições de como foi a queda, os passos para reanimá-la, quem a socorreu.

Destacava-se como uma santa na lista de chamada. Se o tombo ocorria antes do recreio, dominava o assunto das rodas no intervalo. Se ocorria depois, não se falava de outra coisa na saída.

Assim que acordava da pane, Maria Suspiro recebia biscoitos, bolo e chá, recebia cuidado e atenção especial dos professores, recebia uma hora exclusiva na sala da direção, e recebia – pasmem – a chance de sair mais cedo.

Passei a minha infância inteira treinando desmaiar. Mas não consegui.

Eu me sobrecarregava de roupas no verão. Botava uniforme com gola rolê. Só que minha pressão não baixava. Eu apenas ficava com a fama de excêntrico.

Sobrevivia um dia jantando ninharias e renunciando o café. Só que a fome apenas produzia barulhos no estômago.

Sofria de amores platônicos, me distraía e jamais me esgotava emocionalmente.

Gostaria mesmo de desmaiar. Ensaiaava tonturas na cama. Mas logo me despertava mais animado ainda.

Idealizava o copo inesperado de água com açúcar e os colegas ao meu redor, perguntando se estava bem e se havia recuperado a consciência.

Ansiava por aquela vertigem de amolecer os ombros e se dobrar como água de cachoeira.

Busquei desmaiar na igreja e somente cochilei. Busquei desmaiar na aula de matemática e somente ronquei. Além de não desfalecer, ganhava advertências e ocorrências que sujavam o histórico escolar. Minha saúde perfeita não ajudava a alma romântica. Ganhei a fama de malandro e espertinho, preguiçoso e inconveniente.

Já Maria do Suspiro tinha uma performance impressionante, inimitável. Não compreendia como ela sempre caía bonito, nunca batia com a cabeça ou se esbarrachava no chão. Não se machucava, não criava cicatrizes. Ela virava os olhos, empurrava o rosto para trás, e se escorava em alguém ao seu lado, que amparava imediatamente sua frouxidão. Não a vi caindo uma só vez desacompanhada. Tinha um senso infalível de momento. Não descia a escada da respiração sem um corrimão ou desprovida do apoio de um braço generoso.

Seus desmaios eram educados, gentis, sedutores. Nem demorados para gerar pânico. Nem rápidos demais para não provocar dúvidas.

Por muito tempo, fui apaixonado pela minha carência. Forçava adoecer para chamar atenção. Enquanto Maria do Suspiro sonhava com a paz de minha vida, com a normalidade discreta dos colegas.

Ninguém é doente por charme. Entendo talvez um pouco tarde. Hoje respeito mais a fraqueza dela do que o meu egoísmo.

Minha mãe

era servente

(falando por um amigo)

Sou de uma rua em que as famílias colocavam as cadeiras na calçada para assistir novela de porta aberta. O meio-fio próximo, como um sofá. Mania de fugir do calor e não perder o burburinho do bairro.

Tinha vergonha de minha mãe.

Trabalhava na escola como servente. Logo na escola em que estudava.

Lavava os banheiros e limpava as salas. Durante a aula, não colocava nenhum papel no chão, nenhum madeira do apontador, nenhum espiral das folhas porque ela teria que levantar. Eu sabia que ela levantaria. Entristecia-me quando um colega soprava farelos de bolo de sua carteira para o parquê. Em pensamento, minha mãe recolheria o fermento desmoronado com sua pazinha.

Quando ela vassourava no serviço, não a cumprimentava, ainda mais acompanhado de meus amigos. Eu queria, mas não conseguia formular sopro e saliva. Parece fácil e natural dizer oi para a mãe, mas não é. Quando me encorajava a subir a voz, ela baixava a cabeça com meu constrangimento e não estávamos mais próximos. Dois corredores paralelos. O único saguão que nos encontrávamos terminava sendo nossa casa.

Ela me criava sozinha. Não conheci meu pai. Recortava homens de revistas velhas para colar no lugar dele nos álbuns de família. Burt Lancaster, Paul Newman, Marlon Brando. Minha mãe foi deixando para não entrar em detalhes. Não perguntava, ela não respondia, nosso contentamento vinha da escova de suas mãos arrumando minha franja. "Vai com Deus."

No final da segunda série, a professora pediu para que os alunos escrevessem uma redação falando de seus pais. Precisavam dizer o que faziam, qual a sua profissão.

Fui emborcado de timidez. Rubor. Fui ao banheiro chorar, quorar o rosto, aguardar que o tempo passasse rápido e a turma esquecesse de mim. Dois períodos para confessar o que não podia; os colegas iriam caçoar de mim a vida inteira. Minha mãe me viu gemendo, e entrou no banheiro.

– Sai, não pode vir aqui, mãe! É banheiro masculino...

Ela me alcançou pelo choro. Entendeu que era meu choro, como só nossa mãe compreende entre milhares de choro na praça, no recreio, no mercado.

– Posso sim, filho, tenho todas as chaves da escola.

Eu cedi ao colo, me aqueci no seu abraço de avental e voltei antes que alguém me descobrisse agarrado no pescoço da servente.

De volta, eu me apresentei. Na frente do quadro-negro. Tremendo as pernas. O silêncio dos outros era de bala na boca. Não entendo como aconteceu, o rebuliço desalinhado. Aquelas palavras engasgadas vieram. Aquelas palavras atrasadas, aqueles acenos nos bolsos, aquele pescoço deitado. Um dia viriam.

"Minha mãe tem todas as chaves da escola. Pode abrir todas as portas. Ela conhece todos os segredos. Não há melhor trabalho do que ser servente, pois não podemos esconder nada dela. Nem o que sentimos. Nem o que fazemos de errado."

Intelectual traz o ateísmo como pré-requisito. Confiar em Deus é sinônimo de ingenuidade, de burrice, de falta de conhecimento histórico.

Parece que estamos sendo enganados, no fundo do poço e nos agarramos no desespero da reza. Entre os amigos incrédulos, é previsível que pintará Darwin na discussão para mostrar que a Bíblia não aconteceu. Concordo que a Bíblia não aconteceu, é uma parábola, ela está acontecendo sempre. Agora, por exemplo.

Eu acredito em Deus, posso perder os leitores antes do sermão. ACREDITO. Porque tive uma catequista, Ester, que acreditou em mim.

Só acredita em Deus quem um dia foi acreditado.

Ester não me obrigou a colocar agulha no coração de Jesus, a purgar confissões de joelhos, não dobrou a culpa pelos meus pecados, não retorquiu minhas distrações, não censurou minha liberdade de ação, não me pediu para não morder a hóstia, nem me coibiu a não pensar bobagens. Ela me aceitou inteiramente, como sou e não sou. Ela me convenceu com uma única virtude (e tinha várias): o senso de humor.

Nunca conheci alguém com tamanha gentileza. Ela falava baixinho e sorria para explicar passagens dos evangelhos. Eu me aproximava para ouvi-la melhor. Ouvir mais o riso do que a voz. Seus olhos se apequenavam, chineses, cordiais, antecipando a gola branca da primeira comunhão.

Não era inquisidora. Não abria inquéritos dos defeitos. Havia uma leveza que não existe no moralista.

Eis o grande problema do moralista: ele não ri. Repare. É azedo, carrancudo, quer nos passar a limpo, não se duvida em nenhum momento, age como um exterminador dos erros, um desfragmentador de disco. Quem não ri não inspira confiança, sugere uma vida mesquinha e ingrata, com as escolhas decididas pelo medo.

E Ester é feliz. Feliz com os filhos e netos. Feliz com as suas amigas. Feliz à toa como um grão de mostarda tingindo o bico de um pássaro. E não

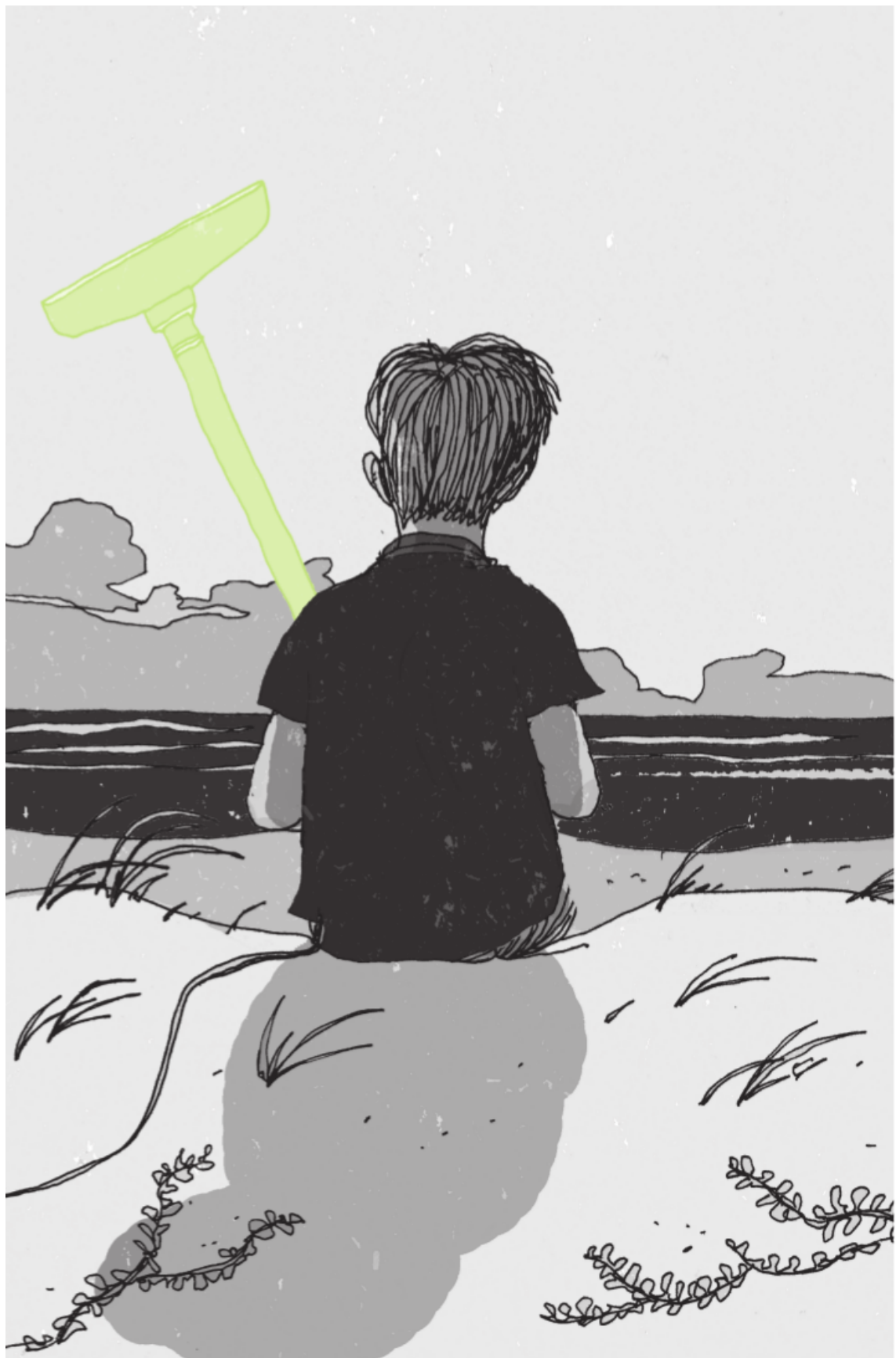
disputava para ser mais certa do que uma criança de sete anos. Não me inferiorizava com sua sabedoria e suas metáforas, ela me incluía em sua fé.

Preservo a inocência auditiva daquela época, não duvido do invisível da infância.

No momento em que uma criança diz enxergar fantasmas, duendes, gnomos e amigos imaginários, os pais têm o hábito de duvidar da veracidade, caçar ajuda médica, recorrer à assistência escolar, não dormir jurando que é um problema de personalidade. Além de alegar que essas coisas não existem, questionam o valor da própria imaginação.

O ceticismo adulto desestimula que o pequeno supere as aparências, que enriqueça o cotidiano com mistérios e poesia. Bloqueia a fantasia logo no esplendor de sua espontaneidade, como a provar que somente importa o que é real e o que pode ser comprado.

Evidente que o filho não vai acreditar em Deus, o grave é que não vai acreditar em si.





Sou um  
aspirador de pó

Se quiser me ofender, terá trabalho.

Não facilito a vida do agressor.

Ele vai suar frio, passar sufoco, esclarecer questões, explicar posicionamentos.

Não sairei de cena chorando logo que ganhar um desaforo. Não aceitarei o figurino de vítima. Não me farei de coitadinho. Não me trancarei no quarto. Não evitarei o convívio.

Sou muito escolado em bullying para acolher rapidamente desaforo. Só eu mesmo posso me ofender e me perdoar – mais ninguém.

É o que todos deveriam pensar antes de sofrer.

O debochado não tem repertório. Ele guarda uma ou duas tiradas engraçadas que podem ser rebatidas com a autocrítica e a inteligência.

Não se veja derrotado no início do jogo, não se enxergue constrangido por antecedência.

No ensino fundamental, na abertura das aulas, Marquinhos, líder da bagunça e das baixarias, buscou me humilhar na frente dos colegas. Quando a professora abandonou a sala para repor o giz, aproveitou a ausência e se aproximou de minha mesa.

Ele me analisou, analisou e despejou o veredito:

– Você tem cara de “aspirador de pó”.

O novo apelido vinha do nariz avantajado. Era uma versão doméstica para tamanduá.

Pronto: a turma inteira gargalhava alto de mim. A investida sugeria uma desmoralização do nome e sobrenome dali por diante.

Mas engoli a vergonha como uma aspirina a seco. Respirei fundo. E, de modo inédito, diferente de todas as vezes que me tolhi e me escondi, que fechei meu rosto nos braços, decidi responder. Concordei com a observação.

– Sim, eu sou um aspirador de pó.

Ele não atinou o que desejava concordando, e completei: – Sou mesmo um aspirador de pó, que bom que você descobriu. Vem trocar meu saco!

Ele se calou. A turma agora reagiu a meu favor, dobrou o volume das risadas. Foi uma histeria coletiva, cadernos voando, pés batendo no chão, palmas estalando.

É certo que ele não sabia o que retrucar. Comeu a língua. Patinou na palavra. Demorou a perceber o estrago. Ficou branco, pálido, lesma.

Não contava com uma reação bem-humorada. Uma resposta espirituosa. Quem agride não programa a tréplica. Planejava criar uma tristeza em mim e abandonar a vítima no chão.

Mas não deixaria por menos. Nunca mais.

Marquinhos desapareceu ao longo do tempo, como poeira ranzinza da classe. Não esperava que o aspirador de pó estivesse ligado.

Fabrizio Carpinejar

Fabrizio Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS). Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 30 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista do jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Eloar Guazzelli

Nasceu em 1962, em Vacaria (RS). É ilustrador, quadrinista, diretor de arte para cinema e professor. Foi premiado em salões, como o Yomiuri International Cartoon Contest (1991), no Japão. Ficou em primeiro lugar na 2ª Bienal Internacional de Quadrinhos, além de premiações em festivais de cinema e humor no Brasil e no exterior.

Ilustrações: Eloar Guazzelli Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral Padrões:  
Laura Guidali Amaral e Rodrigo F. Silveira Revisão: Mônica Ballejo Canto  
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C278p

Carpinejar, Fabrício, 1972-

Um parafuso a mais / Fabrício Carpinejar ; ilustrações Eloar Guazzelli.  
- 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

(Vida em pedaços ; 3)

ISBN 978-85-5590-033-4

1. Crônica brasileira. I. Guazzelli, Eloar. II. Título. III. Série.

14-11784

CDD-869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

---

## 2016

**Edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.